

O MOVIMENTO ANTIGLOBALIZAÇÃO É O PRINCIPAL INSTRUMENTO DE RESPOSTA À ANIQUILAÇÃO ECOLÓGICA

Entrevista por Belén Rodríguez

- Esta é uma crise do capitalismo, da globalização, do imperialismo, do neoliberalismo...? Como prefere chamar-lhe?

É uma crise de tudo isso, mas principalmente do capitalismo. Importa sublinhar que devemos transcender a mera crítica do neoliberalismo para assumir uma crítica, mais funda, do próprio capitalismo. Esta última deve ir mais alá, polo demais, da mera contestação do capitalismo desregulado para alcançar o capitalismo em si.

Digo que a crise atinge fundamentalmente o capitalismo porque o grande debate hoje é o relativo a se este último nom está a perder dramaticamente os seus mecanismos de freio que noutras circunstâncias, finalmente, o salvaram.

- No seu livro "Globalização neoliberal e hegemonia dos EUA." do ano 2003, você sinalava que a globalização poderia chegar a ser um fermento dum big bang de efeitos desconhecidos, e posteriormente populariza-se a sua frase "a globalização avança para um caos que escapa a todo controlo". Já estamos nesse momento?

Estamos, sim. No seu pulo encaminhado a gerar um paraíso fiscal de escala planetária, desentendendo-se de qualquer consideração de natureza humana, social ou meio ambiental, a globalização tem escapado claramente do controlo e dos interesses dos que impulsaram o processo. Uma das consequências é que o capitalismo se mos-

"Estamos a gerar um paraíso fiscal de escala planetária, desentendendo-se de qualquer consideração de natureza humana, social ou meio ambiental"

tra hoje incapaz de resolver os seus próprios problemas.

-Existe a possibilidade da planificação perante um futuro que semelha incerto e impossível de controlar?

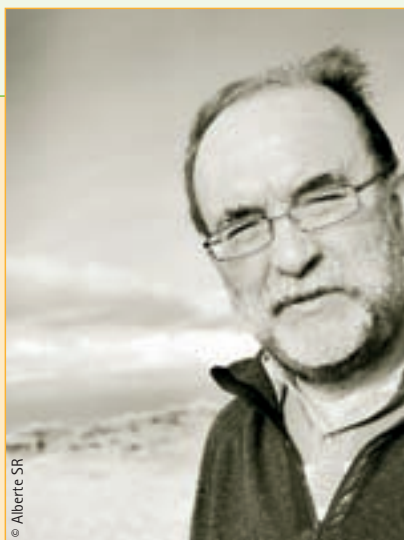
Nom sei se o termo mais ajeitado é planificação. Em qualquer caso, as sociedades humanas devem recuperar o controlo sobre si mesmas, e isso acarreta acantear a lógica da economia de mercado. Nesse projecto, e ao meu entender, é vital artelhar processos de franco decrescimento económico ao menos no que se refere aos países do Norte desenvolvido. Para salvar a vida

"Obama nom está a lutar -como nom o faz a UE- contra a mudança climática"

no planeta teremos que reduzir sensivelmente os níveis de produção e de consumo.

- A atitude intervencionista é consolidada por Estados Unidos em momentos de crise ou de conflito internacional. Vê-lo-emos também com Obama? Até onde deveram intervir os governos com respeito ao sector financeiro e empresarial?

Durante muito tempo vivemos com a ideia de que a intervenção do Estado era sempre saudável porque sempre se produzia, num grau ou outro, em proveito dos deserdados. Sabemos hoje de sobra que as cousas som mais complexas. Agora, e com claridade, os poderes públicos intervêm para socorrerem a imorais empresas financeiras e permitir que num praço de tempo breve retomem as suas práticas delitivas. Quando essas empresas acumularam formidáveis benefícios, ninguém falou, sem embargo, de intervir nelas. Um termómetro ajeitado do que temos entre mãos é o feito de que nom cheguem notícias que dêem conta de causas legais abertas contra os responsáveis das empresas financeiras das que falamos.



CARLOS TAIBO

Carlos Taibo é professor de Ciências Políticas e de Administração na Universidade Autónoma de Madrid, autor de uma vintena de livros nos que reflexiona sobre os processos de transição na Europa Central e na Europa do Leste; questões geopolíticas a nível geral, como a primacia mundial dos Estados Unidos ou o papel da Europa no contexto global e, nos últimos anos, atende com especial dedicação ao ressurgimento do movimento antiglobalização, do qual se declara participante, como resposta ao actual modelo capitalista. Na sua análise política,

económica e social da ordem estabelecida nunca esquece a relevância e a afecção do Ecosistema e dos recursos naturais. Alguns chamam-lhe o "Noam Chomsky espanhol" e parte das suas obras som: "¿Hacia donde nos lleva Estados Unidos?", "No es lo que nos cuentan. Una crítica de la Unión Europea realmente existente", "Sobre política, mercado y convivencia" (em colaboração com José Luís Sampedro), "Os movimientos de resistencia frente à globalização capitalista", "Miserias da globalização capitalista", entre outras. Na seguinte entrevista Carlos Taibo apresenta a sua visom sobre a crise ambiental e a sua relação com a crise global.

- **Que incidência têm sobre o actual ciclo económico espanhol as privatizações maciças da primeira era Aznar (1996-2000)?**

Nom acredito que seja maior que o correspondente às privatizações desenvolvidas nos anos da presidência de Felipe González. Ainda por cima, nom está de mais salientar que, infelizmente, a dinâmica privatizadora fica viva nestas horas.

- **Qual é o papel da ONU na actual situação?**

Tendo em conta o seu imponente registo dos últimos anos, o mais que cumpre pedir à ONU é que nom legitime franca e directamente o ilegítimá-

"Nom creio nem no crescimento sustentável nem no desenvolvimento sustentável. Nem crescimento nem desenvolvimento som sustentáveis"

vel. Por desgraça, Nações Unidas nunca conseguiu deixar atrás a pegada de uma organização criada polas grandes potências e quase sempre subordinada aos interesses destas. Dito o anterior, é verdade que o mundo seria um pouco pior se a ONU desaparecesse.

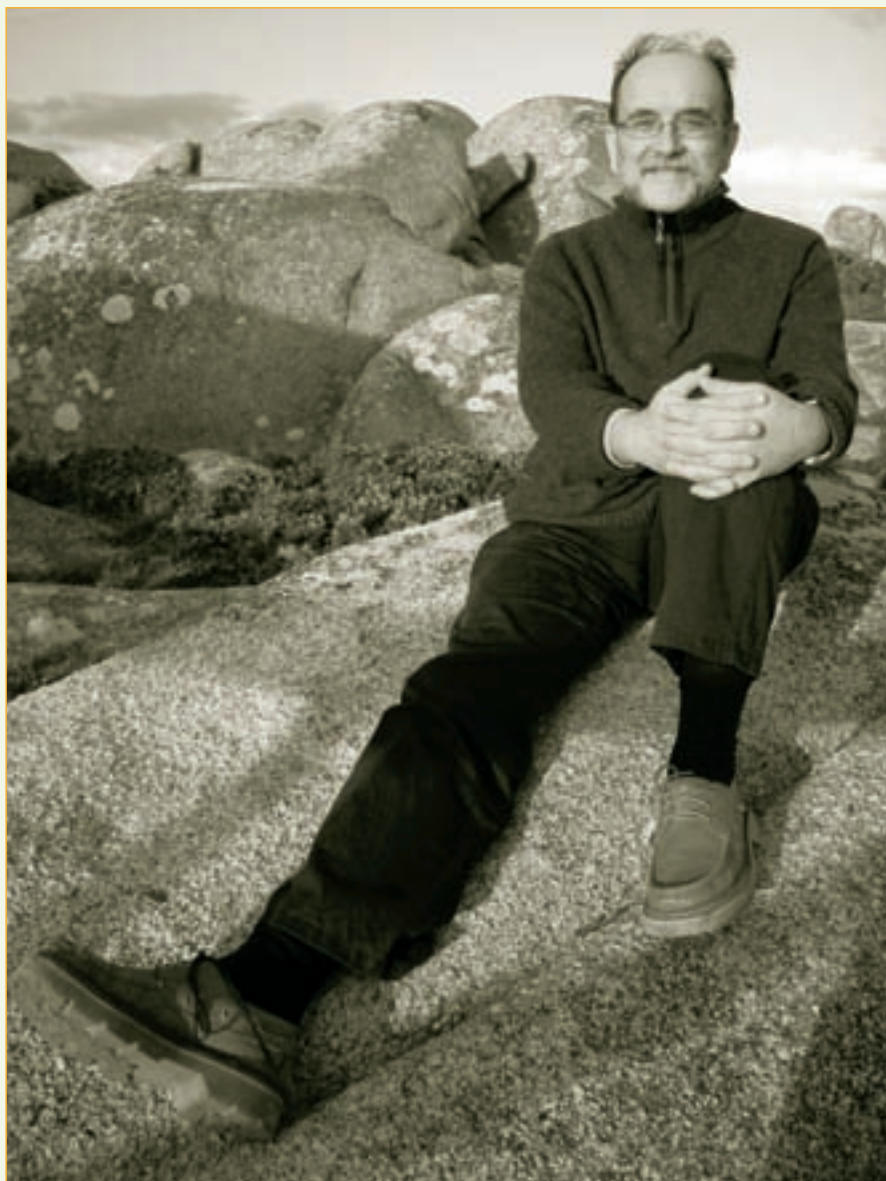
- **Qual é o papel que jogam as ONGs e os sindicatos na crise? Deveriam mudar em forma e conteúdos? E em concreto, as organizações ecologistas?**

Muito me temo que os sindicatos 'maioritários' som hoje, entre nós, ali-cerce fundamental do capitalismo que padecemos; há muito tempo que perderam a sua capacidade de combate de ontem. Polo que se refere às ONG, o seu é reconhecer que em muitos casos, visivelmente burocratizadas, defraudaram as expectativas que se criaram ao seu arredor vinte anos atrás.

- **Crê realmente que a crise pode ser uma oportunidade de mudança, também ambiental? Há algum indício?**

Acho que é uma oportunidade interessante para que uma parte da cidadania recupere o pensamento crítico, e nesse sentido agoiro uma idade de ouro para os movimentos de contestação. É verdade, porém, que em frente estarão tramadas estratégias oficiais encaminhadas a alimentar, por cima de tudo, o

© Alberte SF



medo. Ao cabo, boa parte dos discursos oficiais responde a este objectivo. Diz-se-nos: se nom protestais, podereis manter boa parte dos vossos privilégios: mas, se resistides, corredeis o risco de perder todos estes.

- **Em momentos de crise, faz-se mais visível a relação entre o ambiente e a economia? É o ambiente parte causante da situação económica global?**

Deveria ser assim, tanto mais quanto que hoje a distinção entre economia e ecologia é cada vez mais fictícia. Em qualquer caso, muitas vezes disse que estamos perante várias crises, por muito que os meios do sistema só falem numa delas, a financeira, que é, por demais, a menos importante. Na rebotica estão, contudo, as crises venceladas com a mudança climática, com o encarecimento inevitável, antes ou depois, dos preços da maioria das matérias primas energéticas que empregamos e com a sobrepovoação.

- **Existe alguma fórmula no actual modelo económico que permita valorar nas suas claves as agressões ambientais, o esgotamento dos recursos ou os benefícios da natureza?**

Cumpre empregar medidores económicos alternativos, que tomem em consideração elementos sociais e meio ambientais que escapam aos medidores oficiais. Mesmo assim, a pegada ecológica, que mede a superfície do planeta, terrestre como marítima, necessária para manter as actividades económicas, é suficientemente ilustrativa da desfeita meio ambiental na que nos encontramos. Deixamos mui atrás as possibilidades meio ambientais e de recursos da Terra e estamos a esgotar recursos que nom vam estarem a disposição das gerações vindouras.

- **China, Índia e Japom som os que estão a caotizar a ordem mundial em matéria ambiental e económica?**

Nom. O caos principal vem das potências ocidentais, ainda que é certo que o pulo das economias emergentes tem consequências graves em matéria de aceleração das diferentes crises.

- **Temos que preocupar-nos de que alguns grupos empresariais ameacem com mudar-se a outros lugares do planeta com governos mais "permissivos" ou "anárquicos"?**

Naturalmente que deve preocupar-nos. Mas o fenómeno ?nom nos enganemos— nada tem de novo. Ao cabo a maioria das estratégias do imperialismo e do colonialismo tardicionais bebiam ?bebem? de semelhantes práticas.

- **A pretendida luta contra a mudança climática de Obama arrastará a Europa ainda reticente em políticas ambientais radicais?**

Obama nom está a lutar ?como nom o faz a UE? contra a mudança climática.

"O primeiro que as sociedades opulentas devem fazer é fechar muitos dos complexos industriais hoje existentes e artelhar trabalhos relacionados com a satisfação das necessidades sociais e meio ambientais, e com os sectores económicos tradicionais que sobreviveriam"

Se dum lado segue a estimular, rotundamente, o negócio privado ao respeito, doutra prefere esquivar a conclusão de que a única estratégia crível contra a mudança climática é a que passa por reduzir a actividade económica da mão do pechamento ?ou da redução de actividade? de indústrias como a militar, a automobilística, a da aviação ou a da construção.

- **Devemos ser confiados nos acordos internacionais que pretendem resolver os problemas de tipo ambiental?**

Som meros parches funcionais para a lógica autopropagandística dos sistemas que padecemos. Todos os receios estão justificados.

- **O petróleo seguirá a ser alimento das guerras, ou num futuro ficará em segundo lugar frente a outros recursos naturais?**

Durante um tempo seguirá sendo fonte de guerras de rapina, que se calhar

creceram ao abrigo do esgotamento dos recursos petrolíferos. É lógico pensar, de qualquer modo, que com o passo dos anos a ênfase se orientará para outras matérias primas energéticas. A crise derivada dos preços destas somar-se-á às consequências dramáticas da mudança climática.

"Agoiro uma idade de ouro para os movimentos de contestação. É verdade, porém, que em frente estarão tramadas estratégias oficiais encaminhadas a alimentar o medo"

- **Poupança e eficiência energética ou maximização dos recursos energéticos renováveis?**

Sublinho, mais uma vez, que no Norte desenvolvido devemos decrescer. Nom tem sentido imaginar que as energias renováveis, por si sós, resolvem os nossos problemas se nom assumimos também medidas de estrita austeridade.

- **Em que posição vê a energia nuclear?**

É um dos mitos mais nojentos do momento presente. Há urânio para pouco tempo, ninguém sabe que fazer com os resíduos gerados pelas centrais, a construção destas é extremadamente cara e a energia produzida manifestamente custosa, os efeitos da primeira ?da construção? em matéria de mudança climática som muito notáveis, e, em fim, a segurança muito conflitiva. Nessas condições, defender a energia nuclear como alternativa real aos problemas do presente é mover sem mais, e com descaro, os impresentáveis interesses de determinadas empresas.

- **Que se deve de frear antes, a concentração de capital ou o aproveitamento maciço de recursos naturais?**

Walter Benjamin responderia se calhar que o segundo: temos que pôr quanto antes os freios de emergência, toda vez que a locomotora marcha disparada. Mas nom sei como haveríamos de fazê-lo se, ao mesmo tempo, nom freamos a concentração de capital ou, melhor, nom acabamos com o capital. Como rezava a canção do Fausto: "O que nos falta em rigor, sim senhor, é varrer o capital".

© Alberte SR



- **Crê na sustentabilidade e nas políticas sustentáveis de desenvolvimento actuais? Cabem no actual sistema?**

Nom creio nem no crescimento sustentável nem no desenvolvimento sustentável. Ou som realmente sustentáveis, e entom nom som nem crescimento nem desenvolvimento, ou som estes dous e daquela nom som

"Defender a energia nuclear como alternativa real aos problemas do presente é mover sem mais, e com descaro, os impresentáveis interesses de determinadas empresas"

sustentáveis. Além disso, o crescimento económico nom gera coesom social, provoca agressões meio ambientais em muitos casos irreversíveis, facilita o esgotamento de recursos que nom estarão a disposição das gerações vindouras e, em fim, permite o triunfo dum modo de vida escravo que invita a pensar que seremos mais felizes quantas mais horas trabalhemos, mais dinheiro ganhemos e mais bens acertemos a consumir.

- **Pola contra, há quem acredita num desenvolvimento humano em harmonia com a natureza, a modo de como se desenvolvem e evoluçionam os ecossistemas, até alcançar uma situação climax. Nom é isso possível?**

Hoje em dia entre nós o termo 'desenvolvimento' está lastrado pola mesma mitologia quantitativa que oculta o termo 'crescimento'. Nesse sentido,

cuido que dificilmente o que arrastra pode adaptar-se à metáfora dos ecossistemas.

- Existe um movimento antiglobalização ambiental que pode enfrentar-se à crise?

O movimento antiglobalização é, numa das suas fasquias fundamentais, profundamente meio ambiental. Configura, ao meu entender, o principal instrumento que temos para dar resposta à aniquilação ecológica do planeta. E para mim segue a crescer e a madurar. Numa das suas dimensões principais, os movimentos radicados no Norte defendem, por cima de tudo, direitos para outros. Essoutros som os deserddados de sempre do planeta, residentes fundamentalmente no Sul, mas presentes também no Norte, e, naturalmente, as gerações vindoiras.

- Atreveria-se a dar-nos algumas claves para superar a crise ambiental, como parte duma crise global?

Nos países ricos deve reduzir-se a produção e o consumo porque vivemos por cima das nossas possibilidades, porque é urgente cortar emissões que danam perigosamente o meio e porque começam a faltar matérias primas

"A crise financeira é a menos importante. Na rebotica estão as crises vencelhadas com a mudança climática, com o encarecimento inevitável dos preços da maioria das matérias primas energéticas que empregamos e com a sobreprodução"

vitalis. Claro que nom é suficiente com assumir reduções nos níveis de produção e de consumo. Devem reorganizar-se as nossas sociedades sobre a base doutros valores que reclamem o triunfo da vida social, do altruísmo e da redistribuição frente à propriedade e o consumo ilimitado. Cumpre reivindicar, em paralelo, o ócio frente ao trabalho obsessivo, como cumpre postular o reparto do trabalho, outrora uma prática sindical comum. Outras exigências ineludíveis falam da necessidade de reduzir as dimensões das infra-estruturas produtivas, administrativas e de transporte, e de privilegiar o local frente ao global num cenário marcado, em suma, pola sobriedade e a simplicidade voluntária.

O primeiro que as sociedades opulentas devem fazer é fechar ?ou reduzir

ensivelmente a actividade correspondente? muitos dos complexos industriais hoje existentes. Os milhões de operários que, conseqüentemente, perderiam os seus empregos deveriam encontrar trabalho através de dous caminhos. Se um é o desenvolvimento ingente de actividades nos âmbitos relacionados com a satisfação das necessidades sociais e meio ambientais, o outro chegaria da mão do reparto do trabalho nos sectores económicos tradicionais que sobreviveriam. Importa sublinhar que neste caso a redução da jornada laboral bem poderia supor reduções salariais, sempre que estas, claro, nom fossem em proveito dos benefícios empresariais. Ao cabo, à melhora de nível de vida que se derivaria de trabalhar menos, e de desfrutar de melhores serviços sociais e dum meio mais limpo e menos agressivo, somaria-se a derivada da assunção plena da conveniência de consumir, também, menos, com a conseguinte redução de necessidades no que a salários se refere. Nom é preciso agregar ?parece? que as reduções salariais que nos ocupam nom afectariam, naturalmente, a aqueles que menos têm.



DOMINGO QUIROGA
CENTRO DE DOCUMENTACIÓN AMBIENTAL

Centro de Documentación Ambiental Domingo Quiroga

- ✓ Información e consulta especializada na temática ambiental
- ✓ Amplo abano de servizos
- ✓ Acceso rápido e eficaz á información ambiental

www.ceida.org/centro-documentacion-domingo-quiroga.html

